

O agronegócio nos tempos de coronavírus

Marcos Fava Neves*

Universidade de São Paulo – FEARP/USP / Fundação Getúlio Vargas – EAESP/FGV

*Correspondência para: favaneves@gmail.com

Começando na arena internacional, tivemos uma das maiores mudanças de cenários observada em décadas de análises. Como um tsunami, a crise do coronavírus bateu no planeta com efeitos trágicos como perdas de vidas e paralisia de atividades econômicas, sem precedentes na história recente da civilização. Passamos por revisões brutais nas perspectivas de crescimento do PIB mundial e resultados desastrosos sendo divulgados. Numa mudança de ambiente que jamais tinha visto na carreira, uma nova norma surgiu temos que dar uma parada no mundo e no Brasil e diminuir, drasticamente, a velocidade de transmissão do vírus, lutarmos todos visando evitar o sufocamento do sistema de saúde e uma perda maior de pessoas nos segmentos mais vulneráveis, os mais idosos e os que têm mais riscos.

Parar uma atividade não é simples, ainda mais quando se tem um mundo organizado em cadeias integradas de valor, com muitos produtos perecíveis de logísticas sofisticadas e sensíveis. Os impactos são brutais, a começar pelo setor de serviços, que tomba de imediato, seguido da indústria e, por fim, a agricultura, uma vez que a comida é a última coisa a ser cortada por quem perde o trabalho e a renda. O interessante a quem me acompanha neste espaço mensal, que nada disso apareceu na 94^a coluna. Ou seja, em pouco menos de dois meses uma mudança impressionante. Tempos difíceis pela frente.

A Organização Mundial do Comércio (OMC) traz um cenário catastrófico. As trocas globais em 2020 cairiam numa faixa entre 5% a 30%, espalhando destruição de valor em produtores, compradores, transportadores e outros. Estimam que o PIB mundial, de uma expectativa anterior de crescimento ao redor de 3%, cairia de 5% a 6%, ou seja, 9 pontos de diferença. Seria uma queda maior que a observada na última crise mundial, em 2009. Além dos danos econômicos, tem a questão da retomada da confiança pelas pessoas e empresas, que pode ser muito lenta, afinal o vírus pode continuar a ameaçar. Quanto maior a participação percentual do setor de serviços no PIB, como disse no primeiro parágrafo, maiores os tombos. Segundo o Bradesco, a economia dos EUA encolhe 1,5%, a da China cresce 3% (era 6%), Europa cai 2,2%.

O mundo ajoelha-se ao vírus que muitas mudanças trouxe em curto espaço de tempo e ainda trará. O agro em geral será um dos setores menos atingidos, mas isso não vale para todas as cadeias produtivas e todos os setores, como veremos a seguir.

Uma das atividades que saiu à frente tendo benefícios na crise foi a dos supermercados, uma vez que houve uma mudança brutal do canal de vendas de alimentos, indo dos restaurantes, *fast-food* e outros tipos do chamado *foodservice* para o canal supermercadista.

São números que impressionam. Na Inglaterra, o consumo em supermercados aumentou em 361 milhões de libras por semana, ao redor de 13 libras por casa por semana, um crescimento de 21% (Blacktower). Varejistas ingleses estão contratando milhares de pessoas, devido ao aumento da demanda, quase 45 mil vagas oferecidas. Nos EUA, a empresa de pesquisa Chicory levantou um crescimento de 123% nas vendas on-line de supermercados, comparando com o mesmo período do ano anterior. Para os restaurantes, um cenário desolador.

Confirmando o que havia dito nas duas análises anteriores, a China, que está em estágio mais avançado no combate ao coronavírus, vai recompondo suas importações com uma política de elevação de estoques, consumidos durante os meses de parada. Porém, como parte dessa crise, a China exportadora vai sofrer com a redução do crescimento mundial e menores importações. Deve entrar firme comprando carnes e outros produtos do agro brasileiro neste semestre, sendo um fator positivo para nós, levantando os preços da arroba no Brasil e também das outras carnes. Frigoríficos que pararam (estima-se cerca de 5 a 10% da capacidade) deverão afiar as facas e cortar novamente. As cadeias de frangos, suínos e peixes creio que se beneficiam com mais exportações a preços melhores, principalmente as duas primeiras, mas terão como ponto negativo enfrentar insumos, principalmente rações, mais caras em reais.

Outro ponto de preocupação mundial, trazido em recente reunião da OMC neste final de março e documento conjunto lançado por ela, pela FAO e pela OMS é o de garantir que cadeias globais de suprimento de alimentos não sofram interrupções devido ao coronavírus. Rússia e Cazaquistão já fizeram alguns bloqueios à exportação de trigo e outros produtos, Vietnã no arroz, Tailândia com ovos entre outros casos que começam a pipocar.

A FAO acredita em perturbações no sistema alimentar mundial, pois os isolamentos podem atrapalhar as atividades produtivas, restringindo fluxos de trabalhadores migrantes, exportações, problemas de colheita por falta de mão de obra, entre outros. Isso pode acabar sendo um benefício ao Brasil, que está sentado sob uma safra recorde e pode colher frutos de eventuais aumentos de preços da commodities face a estes abalos das cadeias produtivas. Além disto, é uma chance para consolidar cada vez mais o Brasil como um fornecedor de alimentos confiável para a humanidade, que produz grandes excedentes para serem exportados, contribuindo para conquistar um espaço soberano no mundo, de nobre produtor de alimentos. Creio que nesta crise países onde tínhamos grandes dificuldades acelerarão as permissões para acessarmos seus mercados com produtos do Brasil. E isto pode vir para ficar.

O Brasil deve se posicionar para se oferecer como alternativa a um possível movimento de volta de políticas de seguridade alimentar em muitos países, depois dessa crise. É uma possibilidade apesar que muitos não têm recursos e competência para executar políticas de produção própria de suas necessidades alimentares.

Outra tendência que deve ganhar muita força é o aspecto sanitário dos alimentos, ainda mais depois dessa crise sanitária, e o Brasil deve investir pesadamente nos mecanismos de controles, sejam públicos ou privados, para garantir a segurança dos alimentos para os mercados internos e externos.

Outra ação que pode representar uma oportunidade é que governos no mundo todo, inclusive no Brasil, terão que expandir gastos públicos para conter parte dos danos nos sistemas econômicos, da destruição de empregos e empresas, e uma parte importante desses gastos públicos irá para vouchers de alimentação, tentando garantir o básico para a sobrevivência das famílias, e isso pode se traduzir em aumento no consumo mundial de alimentos, ou na pior das hipóteses, ajudar a neutralizar uma eventual queda.

O tsunami atinge o Brasil também violentamente. Já desanimados com os impactos do Coronavírus, o novo Boletim Focus vem com incrível tombo, talvez a maior variação já vista em um mês. O PIB passou de crescimento de 1,48% para queda de 0,48% neste ano, permanecendo em 2,5% para 2021. O IPCA também caiu de 3,04% para 2,94%, ficando ao redor de 3,6% em 2021. No câmbio a projeção é de R\$/US\$ 4,50 para 2020 e R\$/US\$ 4,30 para 2021, sempre considerando o final do ano. A Selic deve encerrar este ano a 3,5% e em 2021 em 5,0%.

O destaque aqui é a queda sem precedentes da taxa de juros, ou seja, o custo do dinheiro caiu muito, resta saber de sua disponibilidade, uma vez que a incerteza e a desconfiança subiram muito e a concessão travou. Segundo o Bradesco o PIB do Brasil cai 1,2%, com serviços caindo 1,2%, indústria caindo 0,8% e agricultura crescendo 1%.

Entre medidas sendo aplicadas e sugeridas no Brasil estão: queda da taxa Selic, reforço do Bolsa Família, 13º salário antecipado e diferimento do FGTS, vouchers para trabalhadores informais e recursos do DPVAT para o SUS. Já se discute também reduções salariais temporárias no Executivo, Legislativo e Judiciário, nas três esferas de Governo, que seriam importantes para passar à população que todos estão perdendo e se

sacrificando, além do seu trabalho, com essa terrível crise. No mundo desenham-se também políticas de cortes de juros, injeção de liquidez, linhas de crédito, alívio fiscal, supressão de obstáculos regulatórios, expansão do gasto público, retomada da confiança, envio de recursos às pessoas mais necessitadas, estímulos às pequenas e médias empresas, simplificação de estruturas decisórias, prêmios de seguro-desemprego às empresas que mantiverem empregos e acelerar projetos de infraestrutura. Há uma vontade grande em governos e na sociedade de prover suporte a quem precisar. Esta injeção de recursos pode beneficiar o consumo de alimentos.

Neste momento de incerteza, o campo nos brinda com notícias animadoras. A Conab traz em seu boletim de março uma expectativa de produção 251,9 milhões de toneladas de grãos, crescimento de 4,1% em comparação à safra passada, quase 9,9 milhões de toneladas incrementais.

Já para área cultivada, espera-se um crescimento de 2,4%, chegando a 64,78 milhões de hectares. Soja deve bater recorde de produção devido as boas condições climáticas, chegando a 124,2 milhões de toneladas com incremento de 2,6% da área. A área com algodão deve crescer 3,3%, enquanto que milho segunda safra aumenta 2,1%. A primeira safra de milho registrou incremento de 3,2% na área e deverá produzir 25,6 milhões de toneladas. Aparentemente a chuva vem caindo na segunda safra de milho, que é absolutamente importante neste momento.

Na carona desses bons preços em reais e da produção citada pela CONAB, o MAPA aponta para um valor bruto da produção de 2020 estimado em R\$ 683 bilhões (8,2% acima do valor de 2019). De fevereiro a março, a estimativa subiu praticamente R\$ 9,1 bilhões. Deve subir ainda mais com esse novo patamar do Real (desvalorizado). Nas lavouras esperam-se R\$ 448,4 bilhões sendo gerados (9% a mais), sendo que na soja deveremos ter R\$ 160,2 bilhões (16% a mais). Milho também cresceu 15%, chegando a R\$ 74 bilhões. Nas cadeias da pecuária, o valor está em R\$ 234,8 bilhões, sendo R\$ 1,3 bilhão menor que a última projeção, mas ainda assim quase 7% maior que o ano passado. Imaginemos o Brasil doente e ainda sem a geração desse caixa, dessa renda, como estaria a situação.

Devido ao fechamento de alguns portos na Ásia e outras restrições, era esperado queda em nossas exportações neste início de ano. Fechamos fevereiro com US\$ 6,41 bilhões (MAPA), caindo 6,3%. As importações do agro caíram (11,2%), e o superávit cai para US\$ 5,35 bilhões (5,2% menor que fevereiro de 2019). Grãos e produtos florestais perderam um pouco, apesar das carnes subirem 11,3%. Temos que correr atrás, pois no acumulado do ano estamos em 8% abaixo do primeiro bimestre de 2019. Foram US\$ 12,27 bilhões vendidos. Vejam que importante monitorar o comportamento da China, pois quase 31% das nossas vendas foram lá. A Ásia teria que compensar possíveis perdas na Europa neste ano.

Tal como na Europa e nos EUA, no Brasil as vendas em supermercados cresceram 20% nas semanas de restrições de circulação, em média. Alguns supermercados limitaram as compras de alguns produtos para ter falta de estoque, mas a situação começa a se normalizar. Semana passada segundo alguns varejistas, parecia véspera de Natal.

Esta corrida chegou a gerar alguns distúrbios de preços, com inflação na área de alimentos, uma vez que como a demanda deu uma estourada em duas semanas devido a movimentos de abastecimento das casas e até de estocagem, e como em alguns casos houve problemas de interrupção de fornecimentos, e a oferta é dada, este aumento de demanda trouxe aumento de preços em alguns produtos, que foram naturalmente distribuídos nas etapas da cadeia de distribuição.

Essa situação deve se normalizar agora que as vendas estão de volta ao patamar tradicional. Na soja e no milho temos situações bem confortáveis. Beneficiados pelo câmbio e por esses aspectos de consumo, os preços estão remuneradores e boa parte das produções vendidas já foram fixadas, portanto não são fonte de preocupação neste momento dos impactos do Covid-19. Devem até ter uma demanda maior para rações com o aumento das exportações de carnes. Lembremos também que muitos agricultores fizeram compras antecipadas de insumos, portanto uma estratégia vitoriosa em tempos de real mais valorizado. Estamos colhendo a nossa melhor safra de soja da história, praticamente concluída, e no milho podemos chegar a 100 milhões de toneladas. Os estoques de ambos nos EUA estão um pouco mais baixos.

Neste março foi batido o recorde histórico de embarque de soja num mesmo mês, com um total de 13,3 milhões de toneladas. Neste ano já embarcamos 21,4 milhões de toneladas, 17% a mais que o primeiro

trimestre de 2019. Somente em março a China originou praticamente 10 milhões de toneladas (47% a mais que março de 2019). No trimestre, os chineses compraram 16 milhões de toneladas, 17% a mais que no ano anterior.

Como fator baixista, o USDA soltou a estimativa para a safra americana de 2020, com expectativa de crescimento de 8% na área de milho e 10% na área de soja. Esperam uma produtividade igual ou ligeiramente superior. Já as áreas de trigo e algodão seriam 1% menores.

E temos a ameaça que deve ser observada no milho e na soja trazida pelo fechamento de muitas operações de etanol de milho nos EUA, devido à queda brutal do consumo de combustíveis, e os destinos deste milho que seria processado, caindo no mercado internacional pode derrubar preços e alterar as expectativas de plantio nos EUA em direção a mais soja.

Negativo foi ao algodão, que teve queda de preços devido ao coronavírus (17% em março) e a postergação de compras de produtos têxteis, a parada de muitas indústrias têxteis, aliada ao menor preço do petróleo e maior competitividade da fibra sintética. Mas boa parte da safra que vem já foi fixada a preços mais remuneradores e também tem o câmbio jogando a favor. Mas perde um pouco de consumo, conta a ser paga mais adiante. Outro que perde é a seringueira, com as menores vendas de automóveis, pneus, artefatos de borracha com o fechamento de algumas fábricas e as dificuldades com mão de obra.

Na cana... o desastre é grande. Teríamos uma das melhores safras dos últimos 10 anos, em produção e preços, mas a chegada da guerra de preços do petróleo e do coronavírus mudaram fortemente o quadro, instalando um cenário de quase tragédia. O preço do petróleo caiu 65% em um mês, se bem que está subindo fortemente quando fechamos este material. Com o isolamento, houve gigantesca queda no consumo do etanol hidratado, e com a possibilidade de se alocar mais cana para fazer açúcar, derrubou os preços deste em quase 30%. Por habilidade, cerca de 80% da safra já foi vendida antecipadamente com preços razoáveis, compensando um pouco.

Na cana o que poderia ser pensado no caso destes dois fatores perdurarem muito tempo é uma linha de crédito para início da safra e estocagem de etanol, uma vez que o dinheiro sumiu, pensar no aumento de 10% (adicionais) na CIDE exclusivamente na gasolina, para arrecadação de recursos visando alocação na grave crise da saúde (de 1º de maio a 31 de dezembro), isenção de PIS e Cofins por um prazo de 6 meses, analisar um aumento na mistura de anidro na gasolina de 27,5% para 35% de 01 de maio a 31 de dezembro e alguma linha de financiamento a produtores de cana no BNDES (via sistema cooperativista).

Entre os beneficiados do coronavírus está a nossa cadeia integrada do suco de laranja. Preços subiram na Bolsa de Nova York, praticamente 24% em pouco mais de uma semana e o consumo neste mês naquele que é o maior consumidor do mundo, os EUA, cresceu 10%, algo que não se via nos últimos anos. Deve ter crescido no Brasil também. Por competência de nossa cadeia produtiva, esse movimento de mercado encontrará suporte do Brasil, que teve grande safra e tem estoques confortáveis para abastecer esse crescimento e melhorar as condições econômicas para este e o próximo ano.

Precisamos agora tentar manter o consumo, fortalecendo o apelo de saúde e de “alimento líquido” do suco. Outras frutas que carregam alto conteúdo de vitamina C devem se beneficiar, entre elas o limão.

Outro beneficiado é o setor de papel e celulose, devido à demanda por lenços, papel e embalagens, o setor vem trabalhando com grande capacidade para suprir produtos usados na assepsia.

O café também foi bem neste período, a demanda continua crescendo e o Brasil deve produzir grande safra, ao redor de 68 milhões de toneladas, sendo 50 milhões do Arábica, crescimento de mais de 15%. Alguns concorrentes devem ter quebras, e o câmbio também ajuda nossa venda. É preciso apenas observar com a mudança dos canais e fechamento temporário das cafeterias, restaurantes e outros, caso o consumo seja compensado por vendas maiores no varejo. Lembrando que o canal de serviços trabalha mais com cafés *premium*, que podem ser mais impactados.

Para os produtos hortícolas, de um lado temos o consumo seguindo firme nos supermercados e varejões, mas tenho preocupações com outros formatos de venda, como as feiras livres. Este é um dos setores que merece atenção mais forte, para que as feiras possam voltar urgentemente a trabalhar com novas normas

padronizadas de segurança e também aproveitar este momento para buscar soluções de entregas e ligação direta entre produtores e usuários via aplicativos para que as cadeias de distribuição funcionem e com mecanismos criativos de crédito. Mas também apresenta dificuldades na mão de obra.

Não apenas nesta área, os aplicativos estão dando uma grande contribuição, e o uso foi praticamente “goela abaixo” no agro, como os que conectam caminhoneiros e demanda por transporte de cargas, digitalização de contratos e pagamentos, muitos *marketplaces* de peças e itens de reposição com serviços de entregas crescem suas vendas, operações financeiras digitais como emissão de CPR’s (Cédula de Produto Rural), entre outras soluções simplificadoras que vêm para ficar. Tivemos também grandes ganhos com a digitalização de procedimentos. Iniciativas neste sentido acontecem nos Ceasas e Ceagesp para diminuir o trânsito de pessoas. Muitos também foram para modelos mais elaborados de entrega, possibilitando que as centrais entreguem direto ao consumidor final ou pequenos varejos, usando a estrutura de motos das empresas de delivery de refeições.

Outro precível que merece atenção é o leite, o qual soluções criativas também precisam ser pensadas para se evitar a perda do produto, cuja cadeia de suprimento é extremamente precível e não conta com folga alguma. Teoricamente o consumo não é para cair, mas questões de logística preocupam.

Na cadeia das flores o desastre é real, uma vez que boa parte de suas vendas se dão por canais que vieram a zero neste momento, que são os eventos, casamentos, exposições, missas, entre outros.

Proporcionalmente é a cadeia produtiva que terá a maior perda. Aqui o necessário seria crédito e um suporte maior do varejo neste momento, abrindo mais espaço, fazendo campanha e dedicando parte do que ganhou a mais com outros produtos para atender o setor de flores.

Garden Centers e outros pontos de venda precisam voltar a funcionar. Conscientizar o consumidor que pode a fazer sua parte também, afinal, “flores são o alimento da alma” e quem puder, nesta hora, consumir mais.

Apesar da taxa de juros provavelmente baixar a 3%, o crédito é uma área que preocupa, pois mesmo com esses resultados, cresce a desconfiança com as nuvens que pairam sobre o mundo, e, além disso, tivemos alguns movimentos oportunistas de recuperação judicial de produtores e de quebra de contratos, e quando cai a confiança, todos perdem. É preciso muita atenção a este ponto, não é o momento de atitude oportunista. E isto precisaria ser monitorado de muito perto pelo Governo.

Outro retrocesso que deve ser evitado nesta hora são iniciativas no âmbito Estadual ou Federal para aumentar a incidência de tributos sobre os insumos, sobre as atividades agrícolas, agroindustriais e sobre as exportações, as quais são nocivas para a competitividade, o ganho de mercados e o conseqüente aumento das exportações e geração de renda. Devem ser neutralizadas.

Muito além do vírus, o Rio Grande do Sul merece também atenção pois é a história triste desta safra recorde brasileira, a produção foi dizimada pela seca, que castigou as áreas produtoras e algum tipo de financiamento para buscar a recuperação na safra seguinte deveria ser pensado, com prorrogação de pagamentos e outros mecanismos.

Um dos impactos positivos é o ganho de imagem ao agro brasileiro. Isto se deu por uma percepção coletiva da vantagem de brasileiros neste momento de crise, estarem sentados dentro de uma fábrica de comida quando o mundo tem diversos casos de desabastecimento e gôndolas vazias, e também pelo grande número de ações de ajuda acontecendo, por organizações coletivas ou empresas, aos menos favorecidos na crise do coronavírus. A CNA doou R\$ 5 milhões ao MAPA, e frigoríficos financiaram a compra de testes, doações de muitas usinas do setor de cana de álcool gel ou líquido para ser usado como antisséptico e laticínios doando leite, entre outros casos louváveis. Fora essas doações o setor se mobilizou fortemente para tranquilizar a população com documentos atestando o fornecimento de produtos, como foram cartas da Abitrito, Abiove, ABPA e muitas outras. Houve também ganho de respeito com gente da área ambiental, que viu neste período que a poluição acontece na área urbana, a qualidade do ar melhorou, tudo melhorou e o agro continuou suas atividades, os bois e vacas continuaram nos pastos. Espero que radicais ambientais desenvolvam mais tolerância após olharem todos estes resultados.

Uma coordenação muito interessante para ajudar a sanar os problemas foi feita em Ministérios e Secretarias de Agricultura para garantir o abastecimento. É fato que o agro brasileiro tem suas atividades no campo transcorrendo normalmente, bem como as operacionais em cooperativas, tradings, portos e o mundo está prestando atenção e preocupado com a manutenção destas.

Muitos tiveram que lutar contra insanidades cometidas por agentes públicos dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, dotados de falta de sensibilidade e noção de seus gestos, com proibições de fluxos, interrupções de entradas, entre outras medidas.

Medidas restritivas que ameaçam o fornecimento de componentes usados pelas empresas, bem como borracharias, lojas de peças e serviços de mecânicos fechados atrapalham o funcionamento da atividade, além da falta de restaurantes nas estradas. É preciso tomar muito cuidado com isto neste momento.

É fato que teremos um retrocesso no que vinha sendo feito no Brasil e inevitavelmente teremos a volta parcial do Estado no sistema econômico, em algumas áreas, não descartando até a necessidade de se estatizar alguns serviços para depois voltar a privatizar, pois muitas empresas devem quebrar nesta crise. Resta a nós fazermos grande pressão para que a gestão deste processo seja transparente, eficiente e por pouco tempo.

O fato é que a crise do coronavírus nos mostrará um mundo diferente, podendo trazer maior solidariedade global e integração entre sociedades, algo meio esquecido. Momento de calcular mais os riscos, ter mais flexibilidade e adaptação, mais cuidado com o que foi chamado nestes dias de *infotoxicação*, ou seja, o excesso de informações falsas, alarmistas, desencontradas, que só prejudicaram as pessoas. Um novo aprendizado virá e novas pessoas vão se sobressair, e no geral sairemos desta com um aumento da nossa capacidade analítica. Simplicidade será a bola da vez.

Também tenho esperança que neste momento de crise, uma luz incida sobre a classe política para que ainda no segundo semestre de 2020 possamos concluir todas as importantes reformas estruturantes pendentes no Brasil, e que para atingir este objetivo, possam atender a um pleito que deve encontrar amplo respaldo da sociedade para se adiar as eleições municipais de 2020 para o ano de 2022 e, com isso, termos apenas uma eleição no Brasil a cada quatro anos. O momento exige sacrifício de todos, e o Brasil não merece sair de uma crise que ainda não sabemos o tamanho e entrar em processo eleitoral. É preciso, agora mais do que nunca, de pensar em levantar nosso povo após esse inevitável tombo com sacrifícios de todos.

Os cinco fatos do agro para acompanhar agora diariamente (talvez não diariamente, mas a cada hora) em abril são:

- 1) Os impactos do coronavírus na economia mundial, nas nossas exportações do agronegócio e nos preços das commodities;
- 2) Os graves impactos do coronavírus na economia brasileira e o andamento dos problemas, das operações logísticas, a governança política e a gestão da crise instalada;
- 3) O comportamento do clima na segunda safra de milho, não podemos ter problema na oferta;
- 4) China e Ásia: seguir as notícias dos impactos da peste suína africana na produção da Ásia nos preços e quantidades de carnes importadas do Brasil. Assunto ficou meio esquecido com a crise do coronavírus, mas segue presente;
- 5) Expectativas da safra a ser plantada nos EUA e os destinos do milho que não será usado para etanol.

O quadro a seguir resume os possíveis impactos positivos e negativos vindos desta crise, quase que um resumo deste texto.

FICAM NA MESMA OU PODEM SE BENEFICIAR**DEVEM PERDER**

- ✓ Desvalorização do real aumentando preços em reais;
- ✓ Menores juros, se o capital se mostrar disponível;
- ✓ Supermercados (toma espaço dos restaurantes);
- ✓ Explosão dos sistemas de delivery;
- ✓ Carnes (aumento de consumo na Ásia e "fim" dos exóticos);
- ✓ Soja e milho (safra recorde...)
- ✓ Outros alimentos, como ovos e de nutrição para imunidade;
- ✓ Suco de laranja e outras frutas fontes de vitaminas;
- ✓ Café, com risco de cair o consumo das cafeterias (*premium*);
- ✓ Papel e celulose (aumentam os usos de higiene e médicos);
- ✓ Ameaça de desabastecimento mundial e o Brasil resolvendo;
- ✓ Países abrirão mercados para compras do Brasil;
- ✓ Gastos dos Governos mundiais convertidos em maior consumo;
- ✓ Imagem do agro: comida na mesa, não parou e ainda doou;
- ✓ Menor custo com diesel (agrícola e transporte);
- ✓ Eficiência na gestão (home offices e digital)
- ✓ Digitalização de operações, aplicativos (hortícolas, fretes...)
- ✓ Simplicidade levando a novos comportamentos;
- ✓ Nova onda de solidariedade e inclusão na sociedade

- ✓ Danos graves à saúde e as pessoas (físico e psicológico);
- ✓ PIB mundial (+3% para -5%) e brasileiro (+2% para -0,5%);
- ✓ Comércio global (cai entre 5 a 30%);
- ✓ Crise de confiança e fuga de capitais de emergentes;
- ✓ Movimento de volta do Estado na economia x estatizações;
- ✓ Setor de serviços: *foodservice*, eventos, turismo, aéreas, hotéis;
- ✓ Setor de indústria (bens duráveis);
- ✓ Etanol, cana, biodiesel (petróleo cai 65% em três meses);
- ✓ Flores (70% quebra) e Borracha (clientes fecharam fábricas)
- ✓ Algodão: consumo cai e concorrência com petróleo (-17% preço)
- ✓ Açúcar: mix das usinas indo mais para açúcar (-26% preço);
- ✓ Etanol de milho no Brasil nos EUA: grãos podem ir ao mercado;
- ✓ Posterga o consumo de couros, móveis, madeira e outros;
- ✓ Encarecimento dos insumos usados na agricultura em dólar;
- ✓ Rações mais caras em R\$ impactando nas carnes;
- ✓ Confiança, contratos, crédito (a depender do oportunismo);
- ✓ Políticas de redução de dependência alimentar em outros países;
- ✓ Aumento global de exigências sanitárias nas cadeias do agro;
- ✓ Custos da adaptação da produção aos cuidados com o vírus;
- ✓ Interrupção parcial de algumas cadeias produtivas.

Informações complementares sobre o artigo

Este artigo é a republicação, com adaptações, de "Uma conversa dos impactos do coronavírus no Agro", de autoria de Marcos Fava Neves, e autorizado pelo autor para publicação na Revista Agronomia Brasileira.

Publicação Independente

LabMATO
laboratório de matologia
Unesp - Jaboticabal

© Autores

Licença Creative Commons Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional
